

RAZÃO E ESPIRITUALIDADE: O USO DA INTELIGÊNCIA NA LEITURA DE ROMANCES ESPÍRITAS (E TUDO MAIS)

Aldemario Araujo Castro

Advogado

Mestre em Direito

Procurador da Fazenda Nacional

Brasília, 4 de dezembro de 2025

No texto “NEM CÉU, NEM INFERNO” alertei para o cuidado com certos relatos fantásticos ou fantasiosos, especialmente em romances que se apresentam como escritos espíritas. Disse, ainda, que é melhor reconhecer e afirmar a ignorância em relação ao mundo espiritual do que exercitar a imaginação na construção de lugares (lugares?) com características muito inusitadas (extremamente burocratizados, isolados por barreiras magnéticas, etc).

Recebi uma mensagem relacionada com o texto referido. Foi um lamento que expressava o seguinte: “Gosto tanto de ler romances espíritas ...”. Registrei, em resposta, que já li vários romances espíritas e também gosto deles.

Creio que todos os escritos significativos, interessantes ou alentadores devem ser lidos. Na minha lista de leituras realizadas constam, entre outros: a) a Bíblia; b) os evangelhos apócrifos; c) o Caibalion; d) os textos de Blavatsky; e) textos das religiões orientais e f) livros de orientação espírita, inclusive os romances. No rol das leituras futuras aparecem: a) livros que retratam experiências de quase morte; b) a cabala judaica e c) o “Livro Tibetano dos Mortos”.

Todas essas leituras foram (e são) realizadas com o devido espírito crítico e uso da inteligência (razão). Cheguei à conclusão, a partir de análise racional, de que os princípios fundamentais do Espiritismo oferecem a melhor cosmovisão da existência. Entretanto, não tomo as formulações espíritas como dogmas (ou verdades inquestionáveis) ou

explicações completas (ou exaustivas). No meu exemplar da obra “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, foram lançadas cerca de uma centena de interrogações (para retratar estranhezas e discordâncias).

Já disse, e repito, a inteligência é um dos dois “presentes” do Criador para todos os espíritos criados (o outro é o livre-arbítrio). Ela foi concedida para ser utilizada em todas os campos da existência, inclusive nos meandros da espiritualidade. Aliás, uma das formas mais sublimes de amar (e honrar) o Ser Supremo é a utilização da inteligência em sua plenitude.

É importante não terceirizar a construção da visão de mundo (e da existência mais profunda). Pode até ser mais cômodo aderir a um conjunto de concepções formuladas por terceiros (pessoas ou religiões estabelecidas). Entretanto, essa opção elimina a fascinante aventura de entrar em contato com as mais diversas tradições espirituais da humanidade e conformar, de forma autônoma, a sua cosmovisão ou se identificar racionalmente com uma delas.

Insisto em apontar uma ponderação de Kardec, responsável por consolidar o Espiritismo, quando se trata de aplicar a razão/inteligência ao universo dos maiores “mistérios” da existência. Afirmou Allan Kardec: “Eu próprio não a adotei [a crença espírita] senão depois de meticuloso exame. (...) busquei a explicação de tudo, porque só aceito uma ideia quando lhe conheço o como e o porquê” (trecho da obra “O que é o Espiritismo”).

Kardec sustentou, ainda, a necessidade de observar a concordância do ensino. Esse método significa que a veracidade de uma comunicação espírita é atestada pela convergência e uniformidade das revelações feitas por um grande número de Espíritos Superiores, por intermédio de diversos médiuns, em diferentes locais e de forma espontânea (sem contato prévio entre os médiuns). Em síntese, o procedimento defendido por Kardec pretendia evitar que o Espiritismo fosse baseado em crenças isoladas, em interpretações pessoais ou em comunicações de espíritos inferiores ou mistificadores.

Para ilustrar as ponderações anteriores faço expressa referência ao livro “A Caminho da Luz”, de Francisco Cândido Xavier e “ditado” pelo Espírito Emmanuel. Trata-se de uma obra que goza de amplo conceito no chamado Movimento Espírita Tradicional (ou Oficial). É tratada, de forma errônea, como sendo a “história da civilização à luz do Espiritismo”. O que diria Kardec acerca do anúncio dessa “verdade” a partir da visão de um espírito isolado?

Na leitura atenta da aludida obra, identifiquei passagens de notável valor e outras tantas que merecem uma enorme reserva intelectual. Entre as primeiras pode ser encontrada a seguinte observação: “A verdade é que todos os livros e tradições religiosas da Antiguidade guardam, entre si, a mais estreita unidade substancial. As revelações evoluem numa esfera gradativa de conhecimento. Todas se referem ao Deus impessoal, que é essência da vida de todo o Universo, ...”.

Entre os trechos que exigem uma cautela redobrada de interpretação estão os que mencionam: a) determinações superiores do Mundo Espiritual (e de Jesus); b) Jesus como Salvador; c) uma certa direção (como governo) do planeta Terra por Jesus; d) ação terrena das “forças das trevas” (ou “forças do mal”); e) esforços dos emissários do Alto que são bem sucedidos em certas ocasiões e em outras não e f) a exclusividade do Espiritismo em manter acesa a luz da crença.

O que são “determinações superiores”? Quem são os “superiores”? Como as “determinações superiores”, o governo do planeta e os esforços do Alto se relacionam com as leis divinas e o livre-arbítrio? Como reconhecer Jesus como “Salvador” na equivocada concepção católica? O que são e como operam as “forças das trevas”? Qual o sentido de “exclusividade do Espiritismo”? Os questionamentos levantados apontam para traços do mundo como o conhecemos e organizamos (ordens, hierarquia, salvação, forças, etc).



No livro “ESPIRITUALIDADE. Escritos em uma perspectiva espírita” ponderei: “Deus não tem atributos humanos, nem sequer tem particularidades próprias do universo como conhecemos ... Matéria (escura ou não), energia (escura ou não), tempo e espaço são elementos do mundo criado. O Criador não tem vinculação com o tempo e o espaço. Deus existe independentemente de tempo e de espaço. Essa é a ideia mais complexa e incompreensível que pode existir. Simplesmente, não temos instrumentos ou recursos para alcançar a realidade divina. Ela escapa de qualquer demonstração racional ou empírica”.

Assim, o caminho da antropomorfização do mundo espiritual não parece o melhor. Ademais, como é impraticável (talvez impossível no plano terreno) compreender razoavelmente os mais profundos mistérios da espiritualidade, não é adequado realizar um exercício, um tanto arbitrário, de criatividade transcendental.

